

futuribles

em português

Número 4 • Outubro 2021

Entre marolas e tsunamis
As trajetórias laborais dos jovens brasileiros

Investir na juventude
Subsídios de capital e empréstimos circunstanciais

Cidades e as suas estratégias alimentares
em uma perspectiva histórica:
O caso brasileiro no passado e na atualidade

A agricultura, a terra, a água e o clima:
Soluções para um mundo em transição

Os gigantes da internet frente aos Estados

A ascensão do populismo autoritário
O que dizem as pesquisas sobre valores na Europa

**PLATAFORMA
DEMOCRÁTICA**

FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN

PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



futuribles

em português

CONSELHO EDITORIAL	<i>Bernardo Sorj</i> <i>Jean-Francois Soupizet</i> <i>Sergio Fausto</i>
TRADUÇÃO	<i>Dorothée de Bruchard</i> <i>Marcela Vieira</i>
REVISÃO TÉCNICA	<i>Otávio Dias</i> <i>Beatriz Kipniz</i> <i>Isabel Penz</i>
DIAGRAMAÇÃO	<i>Lisia Lemes / Lilemes Comunicação</i>

Futuribles em Português.

Número 4 - São Paulo - Plataforma Democrática - Outubro de 2021.

ISSN 2674-8398

Índice para catálogo sistemático:

Futuro, inovação, tecnologia, meio ambiente, urbanismo, saúde, educação, trabalho, sociedade, governo, políticas públicas, economia.

© Copyright - Todos os direitos reservados à:

Fundação Fernando Henrique Cardoso
Rua Formosa, 367, 6º andar, Centro, São Paulo/SP, CEP: 01049-000
www.fundacaofhc.org.br • e-mail: imprensa@fundacaofhc.org.br



São Paulo (Sede)
Rua Formosa, 367, 6º andar - Centro
São Paulo - SP - Brasil - CEP 01049-000
tel: +55 (11) 3359-5000
contato@plataformademocratica.org

PERIODICIDADE: Anual

futuribles

em português

Número 4 • Outubro 2021

Apresentação	05
Entre marolas e tsunamis As trajetórias laborais dos jovens brasileiros <i>Nadya Araujo Guimarães</i>	09
Investir na juventude Subsídios de capital e empréstimos circunstanciais <i>Julien Damon</i>	33
Cidades e as suas estratégias alimentares em uma perspectiva histórica: O caso brasileiro no passado e na atualidade <i>John Wilkinson</i>	39
A agricultura, a terra, a água e o clima: Soluções para um mundo em transição <i>Guillaume Benoit</i>	60
Os gigantes da internet frente aos Estados <i>Jean-François Soupizet</i>	86
A ascensão do populismo autoritário O que dizem as pesquisas sobre valores na Europa <i>Gilles Ivaldi</i>	107

Versão eletrônica disponível gratuitamente em:
<http://www.plataformademocratica.org/publicacoes>

Apresentação

Trabalho e igualdade de oportunidades entre os jovens; cidades, segurança alimentar e meio ambiente; a crescente disputa entre as *Big Techs* e os Estados; e a relação entre populismo e valores no continente europeu. Esses são os temas da **quarta edição da revista anual *Futuribles em Português***, fruto de parceria editorial iniciada em 2018 entre o projeto Plataforma Democrática e a publicação francesa *Futuribles* (fusão das palavras “futuros” e “possíveis”), com sede em Paris. O Projeto Plataforma Democrática é uma iniciativa da Fundação Fernando Henrique Cardoso, em parceria com o Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

Em artigo inédito, a socióloga Nadya Araujo Guimarães investiga o **ingresso dos jovens brasileiros no mercado de trabalho**, um fenômeno **perpassado por persistentes desigualdades, que se entrelaçam com vários temas da agenda social**. Associada ao CEBRAP, a pesquisadora revisita duas enquetes amostrais de âmbito nacional: a primeira realizada em 2003, ao fim de um período de crise e de contração de oportunidades ocupacionais, financiada pela Fundação Perseu Abramo; e a segunda em 2013, ao fim de um ciclo de aquecimento da economia e expansão das chances de emprego, encomendada pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), ligada à Presidência da República.

Segundo Guimarães, as desigualdades operam mesmo em contextos de crescimento econômico e ativação do mercado de trabalho, mas **se aprofundam nos momentos em que múltiplas crises se entrecruzam, desafiando as políticas públicas de inclusão**. “Pensar o engajamento juvenil no trabalho obriga a refletir sobre os elos entre o passado, o presente e o futuro da solidariedade social. Elos esses que parecem, hoje, especialmente esgarçados por uma conjuntura em que se mesclam crises econômica, sanitária e política”, conclui.

No segundo texto, o sociólogo francês Julien Damon propõe **investir na juventude** por meio da dotação a todo jovem de um **capital que lhe permita financiar sua primeira fase de investimento pessoal, acadêmico e/ou profissional**, com o objetivo de garantir maior igualdade de oportunidades entre as categorias sociais. “Ao invés de um suporte mensal, trata-se de um capital consis-

tente destinado aos que atingem a maioria. Na base dessa proposta reside o princípio segundo o qual a luta contra a pobreza e o suporte aos jovens não deve mais passar somente pela assistência aos pais ou mesmo aos jovens diretamente, mas pela **constituição de um patrimônio**”, escreve o professor associado da Sciences Pos Paris e assessor científico da Futuribles International.

O terceiro artigo, escrito especialmente para esta edição por John Wilkinson, sociólogo inglês radicado no Brasil, analisa o **papel das cidades na produção e distribuição de alimentos desde o Brasil Colônia até hoje**. “Neste artigo, focalizamos a centralidade das políticas públicas e o papel das administrações das grandes cidades brasileiras na implementação de determinações da Constituição de 1988 e de leis e programas federais que visam a **segurança alimentar**. À luz do consenso cada vez mais abrangente sobre o papel central de sistemas de alimentação alternativos para a saúde e o meio-ambiente, vislumbramos importantes transformações nos sistemas alimentares urbanos que vão redefinir as **relações históricas entre campo e cidade**”, afirma o professor titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, especializado em sociologia econômica.

No quarto texto, o engenheiro francês Guillaume Benoit, membro da Academia de Agricultura da França, mostra de que modo **a terra, a água e a agricultura**, para além de suas funções alimentares e socioculturais, podem cumprir um **papel essencial na luta contra as mudanças climáticas e pelo desenvolvimento sustentável**. O autor nos oferece uma demonstração dos inesgotáveis recursos que a natureza teria a fornecer caso lhe déssemos os cuidados adequados, indispensáveis para a resolução de muitos desafios a que são e serão confrontados nossos contemporâneos e seus descendentes.

“Trata-se da passagem da atual economia exploratória, não sustentável, para uma nova economia renovável, resiliente, produtora de serviços ecossistêmicos, empregos rurais, equilíbrio territorial, justiça social e segurança coletiva. **A questão fundamental é o ‘como’ dessa transição em grande escala**”, escreve o autor, que é membro do corpo de engenheiros responsável pelas políticas de desenvolvimento sustentável do governo francês.

No quinto artigo, o economista Jean-François Soupizet, ex-funcionário da Comissão Europeia (órgão executivo da União Europeia), analisa a atual **queda de braço entre as empresas gigantes da internet e os Estados**, crescentemen-

te questionados pelo poder excessivo das chamadas *Big Techs*, sobretudo as norte-americanas e as chinesas. Essa queda de braço se dá num terreno em que as fronteiras territoriais e as jurisdições nacionais não são claramente demarcadas, criando tensões inéditas entre as *Big Techs*, os Estados nacionais e entre as duas potências do planeta..

“Recentemente, **os Estados despertaram**. Os Estados Unidos, a União Europeia e a China estão tomando medidas severas para controlar a ascensão desse gigantes da internet, um dos fenômenos marcantes das primeiras décadas do século XXI. Os resultados do confronto entre os gigantes da internet e os Estados são ao mesmo tempo incertos e muito diferenciados. Todos eles levantam a questão da **governança do universo digital**, que continua sendo o principal desafio da transição tecnológica”, escreve o consultor científico da Futuribles.

O sexto e último artigo, do cientista político francês Gilles Ivaldi, analisa o conjunto de pesquisas sobre os valores dos cidadãos europeus, realizada regularmente em diversos países da UE desde o início dos anos 1980, com o objetivo de esclarecer **possíveis laços entre populismo e transformação cultural no velho continente**. Como sempre, a realidade é mais complexa do que parece: a efetiva demanda social por autoridade, o retrocesso nos valores morais tradicionais e a evolução da xenofobia diferem muito de um país europeu para outro, sendo a Europa Ocidental clara e duradouramente mais tolerante do que a Oriental.

“A evolução geral dos valores na Europa, tal como é revelada nos dados EVS (*European Values Studies*), sem dúvida não é suficiente para esclarecer as **múltiplas aptidões do fenômeno populista contemporâneo**. As **inseguranças econômicas** desempenham um papel crucial na produção de atitudes xenófobas ou antielitistas, que, por sua vez, alimentam o voto populista autoritário”, concluiu o pesquisador do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica, França).

Boa leitura!

Bernardo Sorj e Sergio Fausto

Diretores de Plataforma Democrática

A ascensão do populismo autoritário

O que dizem as pesquisas sobre valores na Europa

GILLES IVALDI¹

Há mais de 35 anos, a revista Futuribles se interessa pela evolução dos sistemas de valores e pelo estudo de sua transformação, frequentemente repercutindo e analisando as pesquisas realizadas pelo European Values Study² a cada 9 anos. Neste artigo, Gilles Ivaldi observa a ascensão do populismo autoritário no Velho Continente e o que as pesquisas EVS nos ensinam sobre os fatores que o alimentam entre os cidadãos europeus.

O cientista político francês confronta a teoria do backlash cultural desenvolvida por Ronald Inglehart e Pippa Norris—segundo a qual o retorno do populismo autoritário seria o resultado de uma contrarrevolução cultural, em reação à vasta difusão dos valores liberais—às evoluções dos valores dos europeus constatadas pelo EVS em diversas dimensões como autoritarismo, xenofobia e tradicionalismo nos costumes. Como sempre, a realidade é mais complexa do que parece: a efetiva demanda social por autoridade, o retrocesso nos valores morais tradicionais e a evolução da xenofobia diferem muito de um país europeu para outro (sendo a Europa Ocidental clara e duradouramente mais tolerante do que a Europa Oriental)... O autor também aponta o processo gradual de alinhamento das diferentes gerações no sentido de uma ampla demanda

1. Pesquisador do CNRS (Centro Nacional de Pesquisa Científica), CEVIPOF (Centro de pesquisas políticas da Sciences Po).

2. O European Values Study é um programa de pesquisa em larga escala, transnacional e longitudinal sobre valores humanos básicos. Fornece percepções sobre as ideias, crenças, preferências, atitudes, valores e opiniões dos cidadãos de toda a Europa. A cada nove anos (1981, 1990, 1999, 2008, 2017), a pesquisa é repetida em um número variável de países do oeste e do leste do continente.

por respeito à autoridade. Em suma, ao examinar o aumento do populismo em curso na Europa, é importante observar as nuances, distinguindo entre áreas geográficas, os valores envolvidos (esfera privada versus esfera pública, por exemplo), assim como relativizar as dinâmicas geracionais. Também não se deve esquecer a influência dos fatores econômicos na formação das opiniões, cujo impacto pode aumentar no atual contexto da crise resultante da pandemia do novo coronavírus, que atingiu o mundo (e a Europa) após a realização da última pesquisa EVS (2017). **S.D. ■**

O desenvolvimento do populismo representa inegavelmente um dos fenômenos políticos mais marcantes das últimas duas décadas. Em suas manifestações contemporâneas, revela-se heterogêneo e pode ser observado de múltiplas formas, distribuídas por todo o espectro político.

Na direita, o populismo está hoje dominado pela variante autoritária, encarnada pelo *Rassemblement National* (RN) de Marine Le Pen, na França, e seus partidos primos presentes em quase todos os países-membros da União Europeia, como o FPÖ (Partido da Liberdade) austríaca, a Liga italiana ou os partidos conservadores iliberais do Leste Europeu, como o PiS (Partido Direito e Justiça) polonês, o EKRE (Partido Popular Conservador) estoniano ou o Fidesz-União Cívica Húngara. Seu modelo de politização das questões relacionadas à imigração, à autoridade e à identidade nacional, em contraposição ao “cosmopolitismo” das elites liberais, também se faz presente com força nos Estados Unidos – com a eleição de Donald Trump em 2016 e durante os quatro anos em que o republicano ocupou a Casa Branca (mesmo após a derrota em 2020, o ex-presidente segue influente junto a parte significativa da população norte-americana) –, na Turquia, na Índia e no Brasil, com a ascensão de Jair Bolsonaro, entre outros países.³

Esse caso específico de populismo é definido pela intersecção da essência do populismo – constituída pelo apelo ao povo, pela crítica às elites e pela primazia da soberania popular – com um nacionalismo xenófobo e autoritário, que o distingue principalmente de um populismo mais igualitário e inclusivo como o que ganhou força na Europa após a crise financeira de 2008, com formações de esquerda radical como Podemos, na Espanha, Syriza, na Grécia e *La France insoumise*, de Jean-Luc Mélenchon, na França.

3. IVALDI, Gilles, *De Le Pen a Trump: le défi populiste*, Bruxelas, Éditions de l'université de Bruxelles, 2019.

De um ponto de vista analítico, a ascensão desse populismo de direita poderia ser compreendida como uma reação às transformações dos sistemas de valores nas sociedades contemporâneas. Essas ideias-forças são centrais na tese do *backlash* cultural, popularizada por Pippa Norris e Ronald Inglehart⁴, que veem no sucesso desse populismo autoritário uma “reação cultural” ao desenvolvimento de valores pós-materialistas por parte de grupos sociais que se sentem desconfortáveis com a erosão das normas e das hierarquias sociais tradicionais e com o crescente caráter multicultural das sociedades ocidentais. Essa reação “nostálgica” estaria ocorrendo sobretudo na geração *baby boomer* (nascida entre 1945 e 1964) e nas gerações do período entre as duas guerras mundiais (hoje já com idades superiores a 80 anos)..

Este artigo se propõe a analisar o conjunto de pesquisas *European Values Studies* para tentar compreender algumas das mudanças que podem ter ocorrido nos sistemas de valores europeus desde o início dos anos 1980, com o objetivo de esclarecer possíveis laços entre populismo e transformação cultural. A longo prazo, os dados confirmam apenas parcialmente, como veremos, a ideia de uma crise identitária, e nos convidam a distinguir as diferentes dimensões do *backlash* cultural. Além disso, o impacto das mudanças culturais parece ter dimensões variáveis dependendo dos contextos e dos grupos sociais, e nem sempre correspondem aos contornos da tese de Ronald Inglehart e Pippa Norris.

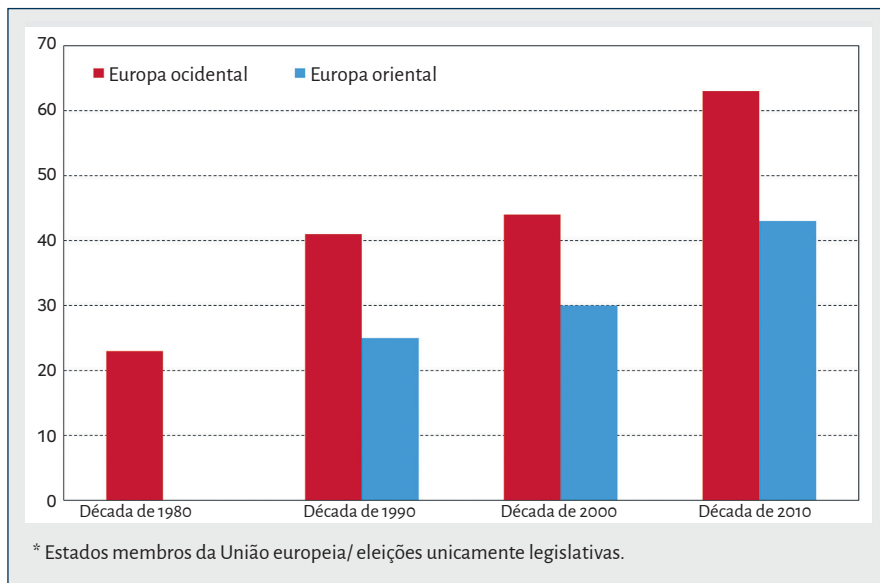
O estado das forças do populismo autoritário na Europa

Em primeiro lugar, vale a pena traçar um panorama das forças do populismo autoritário contemporâneo. Desde o início dos anos 1980, o número de eleições nas quais as forças populistas de direita estiveram presentes quase triplicou na Europa Ocidental, passando de 23 para 63. No Leste Europeu, elas disputaram 25 eleições nos anos 1990 e 43 nesta última década que acaba de chegar ao fim (gráfico 1).

4. NORRIS, Pippa e INGLEHART, Ronald, *Cultural Backlash: Trump, Brexit and Authoritarian Populism*, Nova York, Cambridge University Press, 2019.

Gráfico 1

Número de eleições das quais participaram um ou vários partidos de direita radical populista desde 1980 na Europa*



Fonte: DÖRING, Holder e MANOW, Philip, "Information on Parties, Elections and Cabinets in Modern Democracies", in Parliament and Governments Database (ParlGov), Development Version, 2020. Calculs et classifications par l'auteur.

A essa proliferação de partidos de direita radical acrescenta-se um constante crescimento do apoio eleitoral a essas formações ao longo dos últimos 30 anos. Na Europa Ocidental, os partidos populistas de direita viram seu peso eleitoral passar da média de 6% nos anos 1980 para mais de 8,5% nos anos 2010. O aumento é ainda mais notável na Europa do Leste: em média, esses movimentos tiveram pouco menos de 6% nos anos 1990 (após a queda do Muro de Berlim e a democratização dos países antes sob regimes comunistas), contra mais de 10% ao longo da última década, ultrapassando, assim, seus homólogos ocidentais.

O backlash cultural nas pesquisas EVS

A hipótese de uma contrarrevolução cultural e de uma reação ao desenvolvimento de valores liberais e progressistas explicaria esse crescimento do populismo autoritário?

A ideologia dos autoritários populistas de direita abarca três dimensões principais: 1) autoritarismo, definido como a valorização da obediência e o respeito à ordem; 2) oposição ao multiculturalismo, tal como ele se expressa principalmente na xenofobia desses movimentos e sua rejeição à imigração; 3) o convencionalismo – ou tradicionalismo –, definido como uma exigência de adesão às normas, hierarquias e tradições estabelecidas, sobretudo quando se trata de questões de costumes.

Do ponto de vista empírico, essas diferentes dimensões podem ser medidas por meio de uma série de itens nas pesquisas *European Values Studies*– com mais ou menos precisão, dependendo das restrições de disponibilidade e comparabilidade ao longo do tempo (Tabela 1).

Tendências 1981-2017

A partir de cada uma dessas grandes dimensões, quais serão os principais desenvolvimentos nos subsistemas de valores capazes de impulsionar o *backlash* cultural expresso no voto populista de direita na Europa desde o início dos anos 1980?

Tabela 1

Indicadores do backlash cultural nas cinco ondas da EVS (1981-2017)

Dimensão/itens		
Autoritarismo	Xenofobia	Valores tradicionais**
Objetivo: manter a ordem na sociedade, % dos respondentes	Vizinhos: recusa das pessoas de uma outra raça, % dos respondentes	Justificável: homossexualidade
Qualidade importante para uma criança: obediência, % dos respondentes	Vizinhos: recusa dos imigrantes, trabalhadores estrangeiros, % dos respondentes	Justificável: aborto
Mudança desejada: mais respeito pela autoridade, % dos respondentes que responderam positivo	Vizinhos: recusa dos muçulmanos, [‡] % dos respondentes	Justificável: divórcio

* Item disponível apenas a partir de 1990

** Como aqui se trata de escalas de 1 a 10, calcula-se um índice cumulativo a partir dos três itens e, em seguida, retém-se o quartil superior para identificar a porcentagem de indivíduos mais conservadores em matéria de costumes.

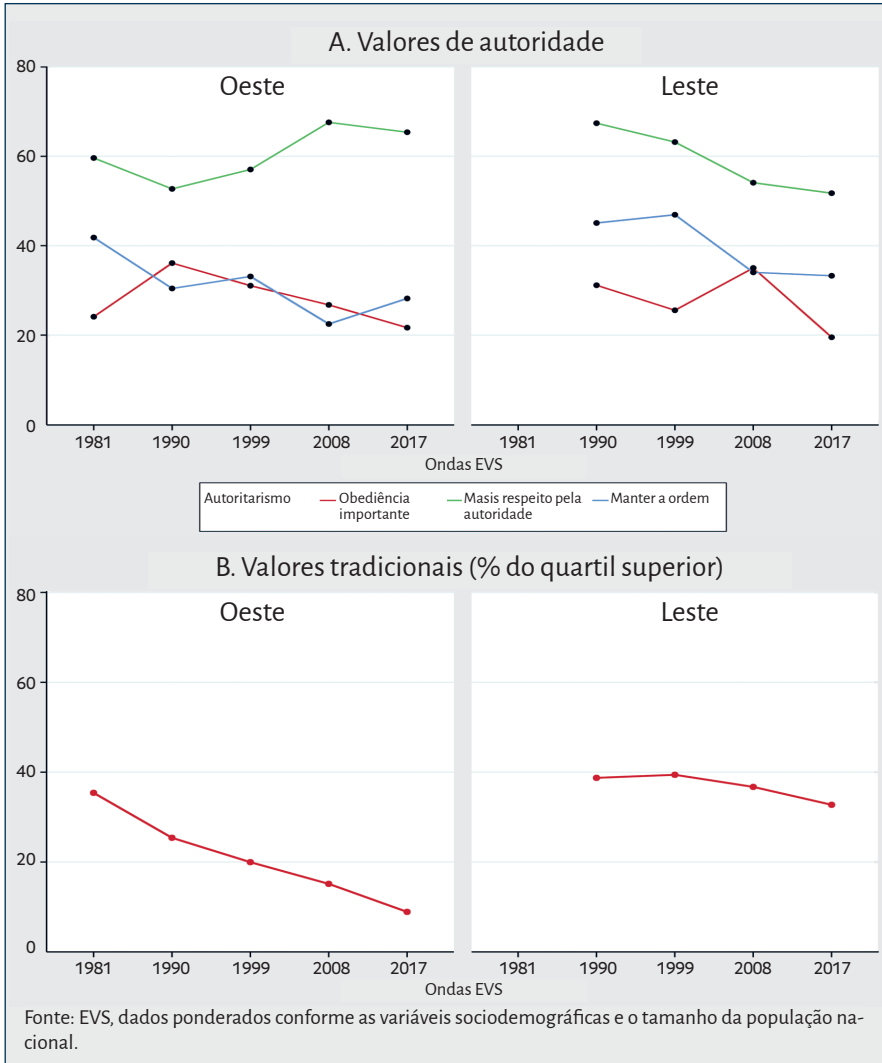
Demanda social por autoridade, declínio dos valores tradicionais

Como podemos ver pelos dados do EVS, a adesão aos valores de obediência e de respeito à autoridade evoluiu de modo distinto nos diferentes aspectos e conforme grandes áreas geográficas (gráfico 2, próxima página).

Desde o início dos anos 1980, parece ter havido uma progressiva dissociação entre a dimensão profunda dos valores individuais, medida pela adesão à obediência como princípio educativo essencial ou como meta para o país, que sofreu declínio ao longo do período, e a dimensão social, expressa na demanda por mais respeito por autoridade relacionada à expectativa de ordem, que aumentou durante o mesmo período, particularmente na parte ocidental do continente.⁵

Essa expectativa é mais visível no oeste da Europa, onde cresceu significativamente desde o início dos anos 2000, mas observamos um nível importante na região que vivia sob a órbita soviética. Compartilhada por mais de 60% dos europeus ocidentais e 50% de seus homólogos da Europa Central e Oriental, essa expectativa meio difusa por autoridade constitui sem dúvida um reservatório potencial de mobilização para o populismo autoritário.

5. A fim de garantir a comparabilidade no tempo, as análises são limitadas aos 25 países presentes em todas as ondas desde 1981 (Europa Ocidental) e desde 1990 (Europa Oriental), a saber: Áustria, Bélgica, Bulgária, República Checa, Dinamarca, Estônia, Finlândia, França, Alemanha, Grã-Bretanha, Hungria, Islândia, Itália, Lituânia, Letônia, Malta, Holanda, Noruega, Polônia, Portugal, Romênia, Espanha, Suécia, Eslovênia e Eslováquia.

Gráfico 2*Indicadores de autoritarismo: evoluções 1981-2017 na Europa do Oeste e do Leste*

Porém, tal demanda por autoridade não é acompanhada por um aumento na adesão aos valores tradicionais. Pelo contrário, durante o período 1981-2017, observa-se, sobretudo na Europa ocidental, um declínio acentuado dos valores sociais conservadores e um aumento constante do nível de aceitação da homossexualidade, do divórcio e do aborto, que costumam ser fortes marca-

dores desse tipo de atitude (gráfico 2).⁶ No final, na Europa Ocidental, o quartil superior do tradicionalismo moral, conforme medido nas pesquisas EVS, era de apenas 9% dos indivíduos em 2017, em constante declínio desde o início dos anos 1980. Por outro lado, tais valores se mantêm mais fortes no antigo mundo soviético, com um terço (33%) dos respondentes no quartil superior, e permaneceram mais estáveis desde 1990.

A Europa da xenofobia?

Uma segunda dimensão, essencial, da teoria do *backlash* cultural diz respeito ao multiculturalismo e às muitas inseguranças culturais ligadas ao crescente pluralismo étnico e religioso das sociedades contemporâneas. A imigração – e com ela a questão do Islã – continua sendo uma questão central para a mobilização das direitas populistas radicais. Estas, tradicionalmente, promovem a proteção dos interesses e identidade nacionais contra qualquer influência externa e a chegada de novos imigrantes é vista por elas como uma ameaça econômica e cultural.⁷

No que diz respeito à relação dos europeus com a alteridade, podemos nos voltar aqui para uma bateria de itens presentes nas pesquisas desde 1981, e que dizem respeito à recusa de certas categorias étnico-raciais como vizinhos – a saber, os imigrantes e pessoas de outra raça. Esta é, naturalmente, uma variável muito imperfeita, mas que permite esclarecer certas evoluções de longo prazo. Deve-se notar que, a partir de 1990, essa bateria incluía um item sobre “muçulmanos”, de natureza um pouco diferente, pois se baseava em um critério religioso. Entretanto, a sociologia demonstrou que o preconceito contra os muçulmanos costuma seguir uma lógica semelhante à de outros grupos etnoculturais.⁸ Além disso, é interessante examinar os efeitos potenciais em relação à crescente politização do Islã na Europa desde meados da década de 1990.

6. Devemos nos lembrar que aqui se trata de um índice cumulativo, cujo quartil superior é usado para identificar a porcentagem de indivíduos mais conservadores em termos de costumes (ver nota do Quadro 1).

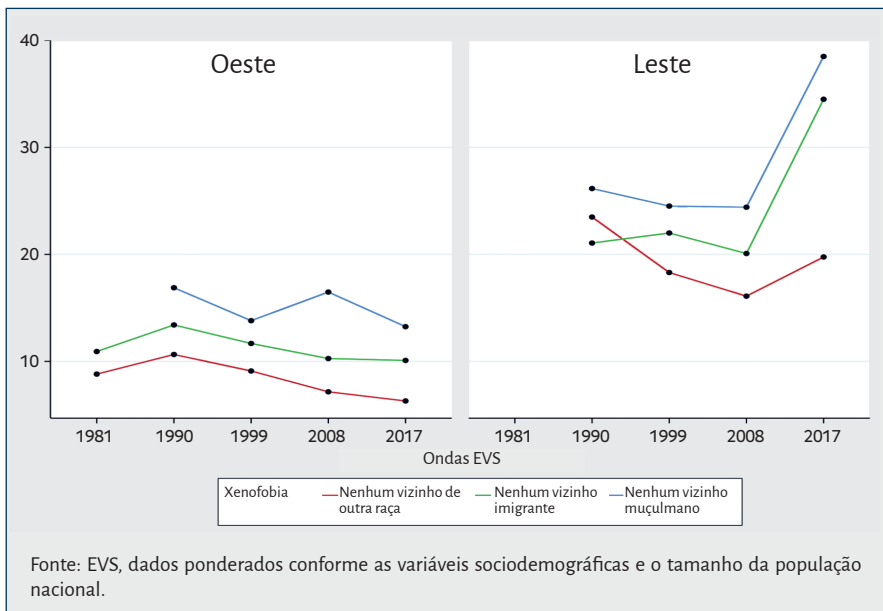
7. MUDDE, Cas, *Populist Radical Right Parties in Europe*, Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

8. TIBERJ, Vincent. “Xénophobie et préférence nationale: unestabilité à relativiser”, em Pierre Bréchon, Frédéric Gonthier e Sandrine Astor (eds.), *La France des valeurs. Quarante ans d'évolutions*, Grenoble, Presses universitaires de Grenoble, 2019, p. 92-7.

Aqui, ainda, o continente europeu parece estar dividido geograficamente em dois. Na região oeste, os dados mostram uma tendência geral para a aceitação social dos grupos etno-culturais ao longo do tempo (gráfico 3). Os dados do EVS também mostram níveis bastante estáveis e relativamente baixos de rejeição aos muçulmanos nos últimos 30 anos: em 2017, apenas 13% dos entrevistados disseram que não queriam um muçulmano como vizinho, e menos de 10% rejeitaram um imigrante ou pessoa de outra raça.

Gráfico 3

Indicadores de preconceitos etnoculturais (xenofobia): evoluções 1981-2017 na Europa do Oeste e do Leste (em %)



Na Europa do Leste, por sua vez, o preconceito tem sido comparativamente maior desde os anos 1990 e, sobretudo, cresceu muito no período recente: em 2017, a rejeição dos vizinhos muçulmanos foi expressa por quase quatro em cada dez entrevistados (39%) na região, um aumento de 15 pontos em relação a 2008, e uma tendência semelhante é visível para os imigrantes (de 20% a 35%). Esse impulso xenófobo parece refletir o impacto da crise migratória de

2015 sobre as atitudes em relação aos refugiados de fé muçulmana e a superpolítica da “ameaça” do Islã em países como Hungria, Eslováquia ou República Tcheca, entre outros (gráfico 3).

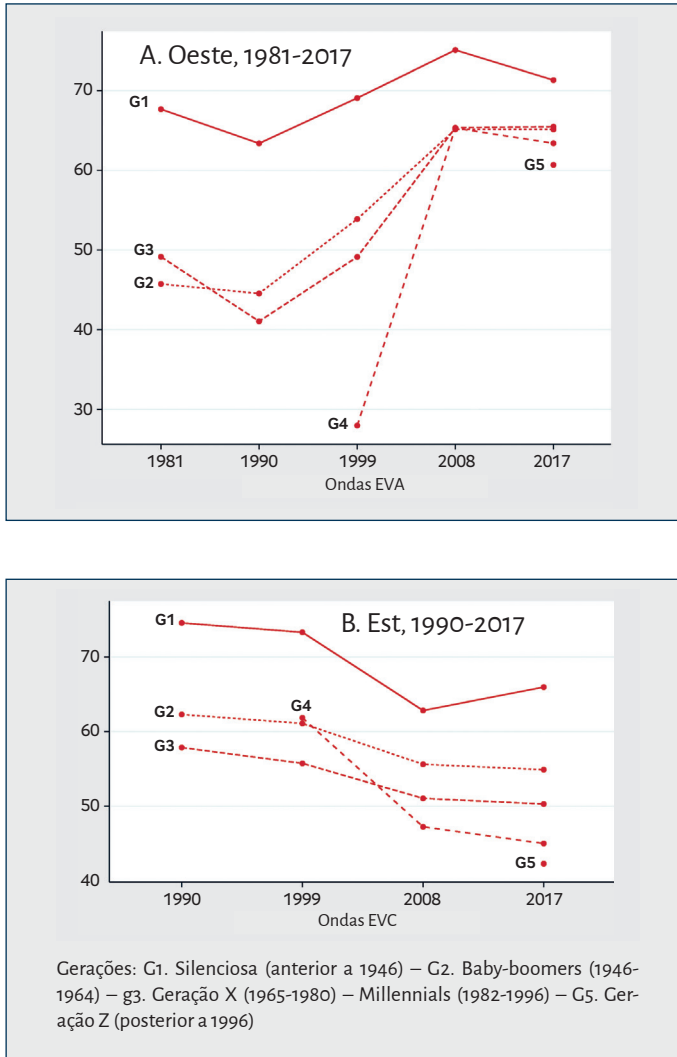
Quais são os efeitos geracionais?

A teoria do *backlash* cultural relaciona, como demonstramos, o sucesso das direitas populistas à divisão geracional que atravessaria os eleitorados contemporâneos: a tensão cultural estaria particularmente pronunciada nas gerações entre guerras (pré-1939), enquanto os coortes mais jovens demonstram posições socioculturais e políticas mais liberais, abertas à diversidade, mais tolerantes e menos apegadas às hierarquias sociais tradicionais.

Na Europa Ocidental, observa-se, principalmente, um processo gradual de alinhamento das gerações a uma maior demanda de respeito desde o início dos anos 1980 (gráfico 4). Se o desejo por autoridade permaneceu em um nível elevado nas gerações anteriores à Segunda Guerra (1939-1945), por outro lado, ele aumentou significativamente em todas as outras gerações ao longo do tempo. Esse efeito temporal é particularmente visível desde o início dos anos 2000, especialmente entre as gerações de *baby boomers* (1945-1964), mas também entre as mais jovens. Na Europa do Leste, por outro lado, as diferenças entre os estratos geracionais permaneceram relativamente estáveis desde o início dos anos 1990, com uma demanda menor por autoridade entre os jovens do que entre os mais velhos durante todo o período.

Gráfico 4

Respeito pela autoridade: evoluções 1981-2017 segundo as diferentes gerações na Europa do Oeste e do Leste (em % das respostas positivas por mais respeito)



Fonte: EVS, dados ponderados conforme as variáveis sociodemográficas e o tamanho da população nacional.

O realinhamento geracional observado na porção ocidental da Europa encontra apenas em partes a hipótese de Ronald Inglehart e Pippa Norris, e remete ao que se conhece sobre o eleitorado das direitas populistas europeias e sobre a capacidade de movimentos como o RN (França), a Liga (Itália), ou o FPÖ (Áustria), no que diz respeito a recrutar eleitores mais jovens e também pertencentes a todo o espectro etário.⁹

Conclusão

Se a hipótese do *backlash* cultural oferece, incontestavelmente, um fecundo contexto teórico, não resta dúvida de que ela merece ser relativizada à luz das pesquisas sobre os valores dos europeus.

Um primeiro ensinamento das pesquisas leva provavelmente à necessidade de “desagrupar” o *backlash* cultural e identificar seus diversos componentes: se os dados do EVS indicam uma grande demanda social por autoridade, eles também demonstram a fraqueza das normas individuais de obediência e o declínio da adesão aos valores tradicionais. Especialmente perceptível na parte ocidental da Europa, esse recuo reforça bastante a hipótese de um desenvolvimento de valores pós-materialistas, mais desligados das tradicionais âncoras sociais e familiares,¹⁰ sem que, entretanto, seja possível identificar qualquer tendência reacionária no período recente.

Em segundo lugar, a hipótese de uma identidade uniforme e de uma tendência reacionária nas sociedades europeias desde o início dos anos 1980 precisa ser especificada. Os dados do EVS chamam atenção para diferenças regionais significativas. Os efeitos do contexto sócio-histórico são ainda visíveis, particularmente na divisão entre os lados leste e oeste da Europa, seja em termos de adesão aos valores tradicionais ou de preconceito etnocultural, muito mais difundido no antigo bloco soviético.

Aliás, esses dois grandes agregados regionais são, eles próprios, bem hetero-

9. Para uma visão geral, ver IVALDI, Gilles, *De Le Pen à Trump, op. cit.*, capítulo 5.

10. INGLEHART, Ronald, *Les Transformations culturelles. Comment les valeurs des individus bouleversent le monde?*, Grenoble, Presses universitaires de Grenoble, 2018 (analysé in *Futuribles*, n. 428, janeiro-fevereiro de 2019, p. 17-31. [Nota da redação])

gêneos. Na última onda de 2017, por exemplo, os níveis de expectativa social por autoridade são muito díspares de acordo com os países e são muito pouco correlacionados com o peso de partidos de direita populista autoritária da mesma época. Assim, no leste da Europa, a consolidação eleitoral dos populismos de direita é orientada por níveis muito diferentes de autoritarismo, muito elevado na Hungria, mais baixo na Polônia.

Na Europa Ocidental, o nível de apoio à direita populista parece estar pouco relacionado com a importância dos valores e dos costumes: na França, na Áustria e nos países escandinavos, a popularidade dos partidos populistas de direita continua, em larga medida, independente da importância atribuída a esses valores em cada país. O populismo autoritário também seduz eleitores menos tradicionalistas, mais desligados das questões de gênero ou de costumes.¹¹

Da mesma forma, a ligação entre preconceito etnocultural e o apoio aos populismos autoritários não acontece de modo mecânico. Em 2017, por exemplo, a rejeição dos muçulmanos como vizinhos é particularmente alta em países como Lituânia, Romênia ou Eslovênia, onde as direitas populistas permanecem relativamente marginalizadas. Do lado oeste, por outro lado, esses partidos encontram sucesso em países como Noruega, Suécia e Dinamarca, onde os níveis de preconceito permanecem, comparativamente, muito baixos na mesma época.

A terceira e última lição das pesquisas EVS é que a dinâmica geracional descrita como o principal motor do *backlash* cultural também se revela mais complexa e variável conforme os contextos. Na Europa Ocidental, particularmente, a expectativa social por autoridade não se faz presente apenas nas gerações mais velhas, mas, pelo contrário, parece resultar de um efeito de convergência das gerações mais jovens rumo a uma mesma demanda por autoridade desde o início dos anos 2000.

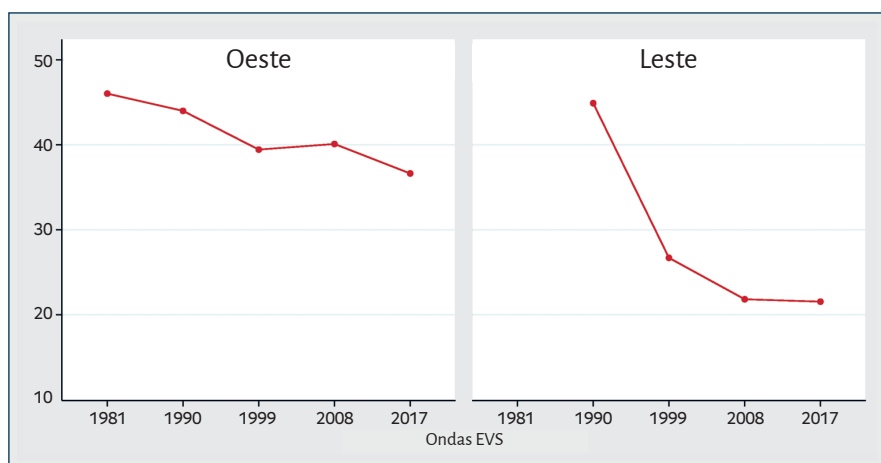
No final, portanto, a evolução geral dos valores na Europa, tal como é revelada nos dados EVS, sem dúvida não é suficiente para esclarecer as múltiplas aptidões do fenômeno populista contemporâneo. Em particular, a tese culturalista não pode ocultar o impacto dos fatores econômicos. As transformações provocadas pela globalização e pela modernização – acentuadas e/ou aceleradas pela crise financeira de 2008 – participam plenamente da explicação do fenômeno

11. LANCASTER, Caroline Marie, "Not So Radical After All: Ideological Diversity among Radical Right Supporters and Its Implications", *Political Studies*, vol. 68, n. 3, agosto de 2020, p. 600-16.

populista. Para além do processo causal, as variadas inseguranças econômicas desempenham um papel crucial na produção de atitudes xenófobas ou antielitistas, especialmente, que, por sua vez, alimentam o voto populista autoritário.

Gráfico 5

Confiança no Parlamento nacional: evoluções 1981-2017 na Europa Ocidental e do Leste (em %)



Fonte: EVS, dados ponderados conforme as variáveis sociodemográficas e o tamanho das populações nacionais.

A hipótese do *backlash* cultural também não pode ignorar a dimensão estritamente populista do fenômeno. Em suas diversas formas, o populismo permanece intimamente ligado à crise de representação e à existência de uma profunda desconfiança político-institucional.¹² A este respeito, os dados EVS mostram muito claramente um declínio contínuo da confiança nos parlamentos nacionais na Europa, particularmente notável nos países do antigo bloco soviético onde diminuiu de 45% para 22% entre 1990 e 2017, e mais moderado a oeste, de 46%, em 1981, para 37%, em 2017 (gráfico 5).

12. ALGAN, Yann, et alii, *Les Origines du populisme. Enquête sur un schisme politique et social*, Paris, Seuil (La République des idées), 2019 (Analisado em *Futuribles*, n. 438, setembro-outubro, 2019, p. 116-8. [Nota da redação])

Perspectivas

Aqui, é fundamental lembrar a importância da insegurança socioeconômica e da desconfiança política na ascensão do populismo contemporâneo. As preocupações econômicas, sociais e culturais que tradicionalmente levam ao voto nesses partidos estão no centro da atual epidemia de Covid-19 e podem, no futuro, alimentar uma nova febre populista. Três questões merecem ser evocadas aqui.

A primeira diz respeito ao estado geral das economias nacionais e à sua capacidade de absorver ou não o choque das medidas sanitárias. A crise do novo coronavírus afeta principalmente os grupos sociais mais vulneráveis, as classes trabalhadoras e as classes médias baixas, que constituem, precisamente, o grosso das tropas populistas.¹³ Na esteira de nossas observações a respeito da convergência geracional, também se deve destacar o impacto da pandemia em um segmento juvenil que está cada vez mais tentado a votar a favor das direitas populistas autoritárias, como o RN na França.¹⁴

Uma segunda questão diz respeito aos efeitos potenciais da pandemia sobre as migrações internacionais. Associada às consequências da mudança climática, a temida explosão da pobreza extrema nos países mais frágeis tende a intensificar os fluxos migratórios no futuro, trazendo de volta, consequentemente, a imigração para o centro da agenda política, beneficiando as direitas populistas.

Por fim, o impacto da crise sanitária também poderia ser sentido no longo prazo na legitimação de alguns de temas fetiches dos populistas de direita. As preocupações com a pandemia têm alimentado a demanda por proteção, segurança e forte liderança, e também repercutem a questão fundamental das fronteiras, da soberania e da salvaguarda dos interesses nacionais.

Infelizmente, a periodicidade das pesquisas EVS (realizadas a cada 9 anos) não nos permite medir o efeito desses fatores, mas é possível se basear em

13. Cf. OESCH Daniel et RENNWAKD Line, "Electoral Competition in Europe's New Tripolar Political Space: Class Voting for the Left, Centre-right and Radical Right", *European Journal of Political Research*, vol. 57, n° 4, novembro de 2018, p. 783-807.

14. JOHANNÈS Franck, "Comment le Rassemblement national est devenu le premier parti de la génération des 25-34 ans", *Le Monde*, 5 de abril de 2021.

pesquisas recentes, como a última onda do Barômetro de confiança política do CEVIPOF, realizada em fevereiro de 2021, na França, na Alemanha, na Itália e no Reino Unido.¹⁵ Os dados ilustram a força das atitudes populistas, autoritárias, nacionalistas e protecionistas na opinião europeia: mais de 60% dos entrevistados acreditam que os políticos não fazem o suficiente ou estão desconectados da realidade, e apenas 42% dizem confiar no parlamento nacional; cerca de 60% dos cidadãos pesquisados nos quatro países acreditam que há excesso de imigrantes; mais de 70% pensam que a desigualdade de renda deve ser reduzida; entre 30% e 40% pensam que seu país deve se proteger mais do mundo; cerca de 45% apoiam a ideia de ter “um homem forte que não precisa se preocupar com o parlamento ou com as eleições”.

À luz desses dados, um novo ciclo político marcado pelo declínio duradouro dos atores populistas parece, ainda, bastante hipotético... ■

15. Barômetro de confiança política do CEVIPOF, onda 12bis, 2021. URL: <https://www.sciences-po.fr/cevi-pof/en/content/le-barometre-de-la-confiance-politique.html>. Acesso em 25 de maio de 2021.

PLATAFORMA DEMOCRÁTICA

FUNDAÇÃO FHC
CENTRO EDELSTEIN

PLATAFORMADEMOCRATICA.ORG



Plataforma Democrática (www.plataformademocratica.org) é uma iniciativa da Fundação FHC e do Centro Edelstein de Pesquisas Sociais dedicada a fortalecer a cultura e as instituições democráticas na América Latina, por meio da produção de conhecimento e da promoção do debate pluralista de ideias sobre as transformações da sociedade e da política na região e no mundo. Realiza pesquisas e seminários para estimular o diálogo entre os produtores de conhecimentos e os diferentes atores sociais e políticos sobre temas da atualidade.

Plataforma Democrática oferece uma infraestrutura virtual com uma biblioteca de livre acesso que inclui milhares de textos sobre temas relacionados à democracia na América Latina e um banco de dados sobre instituições de pesquisa na região.

As principais áreas de trabalho da Plataforma Democrática são:

Transformações Geopolíticas Globais e instituições democráticas:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EstadoDemocracia>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CambiosGeopoliticos>

Meios de comunicação e Democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#MediosComunicacion>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#EnsaioDemocracia>

Sociedade civil e democracia:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#CohesionSocial>

Bibliotecas virtuais:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca>

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/biblioteca-sociedade>

Coleção Recursos de Pesquisa na Internet:

<http://www.plataformademocratica.org/portugues/publicacoes#RecursosPesquisa>

